Espaço em Revista 2010
ISSN: 1519-7816 vol. 12 nº 2 jul/dez. 2010 páginas: 66 - 83

# O CERRADO GOIANO SOB MÚLTIPLAS DIMENSÕES: um território perpassado por conflitos

**Sélvia Carneiro de Lima**[1]
*selvia_lima@yahoo.com.br*

**Eguimar Felício Chaveiro**[2]
*eguimar@hotmail.com*

**Resumo:** As transformações socioculturais ocorridas no território do Cerrado goiano com o advento da modernização da agricultura na década de 1970 e a articulação deste território ao capital internacional são tomadas como ponto de partida para as discussões neste artigo. Os impactos ambientais e sociais resultantes desse processo foram profundos e irreversíveis e as cidades têm se caracterizado como centros que aglutinam a tradição dos migrantes das fazendas goianas e as legendas culturais da modernidade. É nessa dinâmica de territorialização do capital e desterritorialização dos sujeitos que os conflitos e as possibilidades de (re)invenção da cultura podem surgir. Esta pesquisa de abordagem qualitativa foi desenvolvida a partir de pesquisa bibliográfica e em trabalho de campo em alguns municípios do Sudoeste goiano. As discussões foram balizadas sobretudo numa análise que busca uma abordagem mais totalizante do Cerrado e de sua gente.
**Palavras-chave:** Cerrado goiano. Modernização da Agricultura. Conflitos. Transformações sociais e culturais.

*El GOIANIA CERRADO DE CONFORMIDAD CON MÚLTIPLES DIMENSIONES: un área atravesada por conflictos*

**Resumen:** El socio-transformaciones culturales que ocurren en el territorio de la Goias Cerrado con la llegada de la moderna tecnología agrícola en la década de 1970 y la articulación de este territorio a los capitales internacionales se toman como punto de partida para los debates en este artículo. Los impactos ambientales y sociales resultantes de este proceso fueron profundos e irreversibles, y las ciudades se ha caracterizado como centros de agrupamiento tradición de Goiás agrícolas migrantes y leyendas de la modernidad cultural. Es esta dinámica de capital territorial y el desarraigo de los temas que los conflictos y las posibilidades de (re) invención pueda surgir. Este estudio cualitativo, desarrollado a partir de la literatura y el trabajo de campo en el sudoeste de Goiás. Los debates estuvieron marcados por un análisis que busca una más totalizadora Cerrado y su gente.
**Palabras-clave**: Cerrado Goias. Modernización de la Agricultura. Conflictos. Transformaciones sociales y culturales.

[1] Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Goiás. Gestora no Núcleo de Desenvolvimento Curricular – SEE-GO.
[2] Doutor em Geografia pela Universidade de São Paulo. Professor adjunto do Instituto de Estudos Sócio-Ambientais-UFG.

ISSN: 1519-7816 vol. 12 nº 2 jul/dez. 2010 páginas: 66 - 83

## Considerações Iniciais

O presente artigo tem como objetivo discutir as transformações socioculturais ocorridas no Cerrado goiano, principalmente a partir dos anos 1970, marco importante da inserção do processo de modernização deste território.

Essa pesquisa de abordagem qualitativa foi desenvolvida no primeiro semestre de 2008 durante o trabalho de campo da disciplina "Ambiente e Apropriação da Região do Cerrado", do Programa de Pós-graduação em Geografia do Instituto de Estudos Sócio-Ambientais, da Universidade Federal de Goiás, coordenado pelo professor Dr. Manoel Calaça.

A metodologia de análise e discussão do Cerrado durante as aulas no Programa consistiu em leitura prévia das principais teses sobre o Cerrado goiano produzidas, sobretudo por geógrafos vinculados as universidades de Goiás – UFG, UEG, PUC-Goiás. A partir dessa metodologia foi possível debater com vários pesquisadores dentre eles Castro (2002), Chaveiro (2007, 2008), Ferreira (2003), Mendonça (2004), Moraes (2004).

Neste sentido as discussões que foram desenvolvidas nos permitiu perceber que as pesquisas referentes ao Cerrado possuem abordagens múltiplas e envolvem desde os aspectos fisicos até as questões sociais, culturais, econômicas e políticas. Como fruto dessas diferentes abordagens e pontos de vista foi possível um esforço de estabelecer um quadro menos compartimento do Cerrado e do território goiano.

O trabalho de campo foi outra metodologia adotada para uma leitura menos fragmentadora do Cerrado goiano. No Sudoeste Goiano tivemos como destino os municípios de Quirinópolis, Jataí, Serranópolis, Chapadão do Céu, Mineiros, Alto Araguaia e Rio Verde com objetivo principal de verificar as principais teses levantadas sobre os complexos agro-industriais, as dinâmicas de sobrevivência dos pequenos produtores, as ações e estratégias de crescimento e desenvolvimento das pequenas e grandes cooperativas como a COMIGO de Rio Verde.

ISSN: 1519-7816 vol. 12 nº 2 jul/dez. 2010 páginas: 66 - 83

Este trabalho é fruto dessa pesquisa e tem como baliza a seguinte inquietação: como compreender os sujeitos do Cerrado neste contexto de transformações espaciais que solaparam Goiás nas últimas décadas? Quais são as ações de resistências desses sujeitos a desterritorialização de sua cultura ao serem inseridos no modo de vida urbano?

O Cerrado é considerado um dos biomas mais importantes do mundo e junto com a Mata atlântica constitui um dos *hotspots* de biodiversidade do planeta. Sendo o palco de peculiar sociodiversidade apresenta um modo particular de vida com múltiplas manifestações culturais, fruto de identidades construídas ao longo do tempo numa relação semiótica com o ecossistema em questão.

No entanto, a partir da década de 1970 as dinâmicas naturais e socioculturais alteraram-se significativamente a partir de mudanças adotadas no quadro político nacional com objetivo de explorar e desenvolver as áreas de Cerrado que cobrem o Planalto Central Brasileiro. As ações políticas deste contexto histórico tiveram, dentre outros, como principais objetivos expandir as áreas de fronteiras agrícolas e estabelecer ligação mais ampla com os estados da região Norte. Goiás assume então importância básica neste processo de conquista e articulação do Cerrado à economia nacional em função do seu caráter de centralidade.

A construção de Goiânia, capital do estado, na década de 1930, marca o início deste novo período de integração de Goiás e do Cerrado aos interesses econômicos nacionais e internacionais. É nesta década que tem inicio, com maior significado, a disseminação de vetores no campo das infra-estruturas para a ampliação do capital no território goiano.

Nas décadas subseqüentes, 1950/60, a construção de Brasília e a abertura da rodovia Belém-Brasília, BR-153, constituem-se ações que marcam o Cerrado como espaço importante a ser drenado por uma rede de "caminhos" (CASTRO, 2002), cujo objetivo fundamental é a "conquista efetiva do sertão" pelo capital e a entrada deste no mercado produtivo agroexportador.

No entanto, é somente na década de 1970 que o nível das transformações de base técnica ocasionará as maiores mudanças socioespaciais e

ISSN: 1519-7816 vol. 12 nº 2 jul/dez. 2010 páginas: 66 - 83

culturais em Goiás. Guiados e patrocinados por Políticas Públicas, surgem sucessivos programas nacionais com objetivo de financiar a modernização da agricultura. Essas políticas atingem o território cerradeiro de várias formas, visto até então como "terra de ninguém", sem valor comercial ou estético (CHAVEIRO, 2007).

A paisagem até então caracterizada pelas fitofisionomias típicas deste Bioma é sistematicamente transformada numa paisagem *Ser-ra-da* que, como útero fértil, passa a receber todo tipo de sementes, a exemplo da soja, do milho, do algodão, além da introdução de gramíneas africanas como o Capim gordura, Jaraguá, Colonião e Braquiárias, introduzidas como forrageiras para a criação de gado bovino; além das espécies de *Eucalyptus* e *Pinus* para o desenvolvimento da silvicultura.

A introdução dessas espécies causou danos ambientais, alguns irreversíveis. As gramíneas, por exemplo, afetaram diretamente a vegetação nativa, pois ao expandirem-se geram, por competição, ameaças de extinção e perda da biodiversidade florística, cujas consequências atingem imediatamente a fauna que se alimenta dessas espécies vegetais e as populações que mantêm com este Bioma relação de dependência, como o caso dos Povos Cerradeiros[3]. Além de descaracterizar as fisionomias e modificar as dinâmicas estruturais peculiares do Cerrado.

As monoculturas chegam em Goiás adentrando a região sudoeste e, à sombra da lucratividade das grandes propriedades, levas de migrantes são expropriadas do campo. O Cerrado enquanto bioma retrai, as cidades expandem-se. A dominação do interior do sertão do Brasil, a exemplo do que ocorreu séculos antes nos Estados Unidos da América, obteve do ponto de vista do ideal capitalista, ainda colonizador, um forte êxito.

A paisagem é tingida, principalmente no sudoeste e sudeste goiano, por extensos campos de lavouras cujos produtos têm nos portos de exportação seu destino certo. O Poder Público age neste contexto como o agente financiador dos interesses privados, articulando o território goiano aos interesses do capital

[3] Para maior esclarecimento sobre os Povos Cerradeiros ver Mendonça (2004).

ISSN: 1519-7816 vol. 12 nº 2 jul/dez. 2010 páginas: 66 - 83

internacional e expulsando os trabalhadores do campo para o universo urbano e visível dos sem-terra, sem-teto, sem-educação, sem-comida.

A partir da introdução de novas técnicas na produção agrícola com forte presença de maquinários e uso intenso de insumos agrícolas, inúmeros agricultores, camponeses, arrendatários, dentre outros, se viram expropriados, e logo, desterritorializados (HAESBAERT, 2007) de seus espaços de vivência. É nessa migração que a tradição alcança a *urbs.*

Assim, compreender as transformações que têm assolado o território goiano passa por interpretar não apenas os aspectos naturais, econômicos e sociais dos sujeitos, mas as novas legendas socioculturais dos Povos Cerradeiros forjadas neste tempo-espaço alucinado pela globalização e modernização. É o caso das festas tradicionais religiosas que ressurgem com mais força e novas legendas culturais são a elas incorporadas. E também das ressignificações que atingem os esportes, como o surgimento do *rally* do Jegue[4] no município de Turvânia.

Recria-se "*novas* identificações "locais" e a cidade é recriada no seio da simbologia moderna e da resistência da tradição" (HALL, 2006, p. 78). Modernidade e tradição, passado e presente são fundidos neste espaço híbrido (CANCLINI, 2008) e diversas manifestações culturais são (re)inventadas ou atualizadas (CHAVEIRO, 2008) neste novo contexto de rearranjos socioeconômicos liderado pela modernização do campo.

Compreender como este processo de modernização se relaciona com a tradição, e vice-versa; perceber onde e de que forma a cultura tradicional se territorializa nos espaços rurais e urbanos são aspectos fundamentais que o olhar atento dos geógrafos poderá assumir.

A partir deste viés sociocultural interpretado a luz das transformações econômicas e políticas externas ao próprio território goiano, ou seja, em escala nacional e internacional, é proposta uma leitura do Cerrado e do ser e fazer-se sujeito cerradeiro neste momento atual da globalização.

[4] Pesquisado em: http://www.rallydejeg.com.br. Acessado em: 20 de setembro de 2009.

ISSN: 1519-7816 vol. 12 nº 2 jul/dez. 2010 páginas: 66 - 83

Para tal tarefa estruturamos este artigo em três momentos. No primeiro discutimos a caracterização do Cerrado e os principais usos econômicos deste Domínio. No segundo, abordamos a inserção do Planalto Central Brasileiro e consequentemente do Cerrado, via modernização da agricultura ao mercado agroexportador. E também a territorialização do capital na agricultura especificamente na produção agrícola monocultora e as consequências socioambientais e culturais desta nova dinâmica. Na terceira parte discutimos as legendas culturais do sujeito cerradeiro no contexto urbano. O rural e o urbano, a modernidade e a tradição coexistindo e apontando em muitos casos para uma hibridação cultural que ocorre no encontro de formas modernas e não modernas possibilitadas pelas ações desenvolvimentistas.

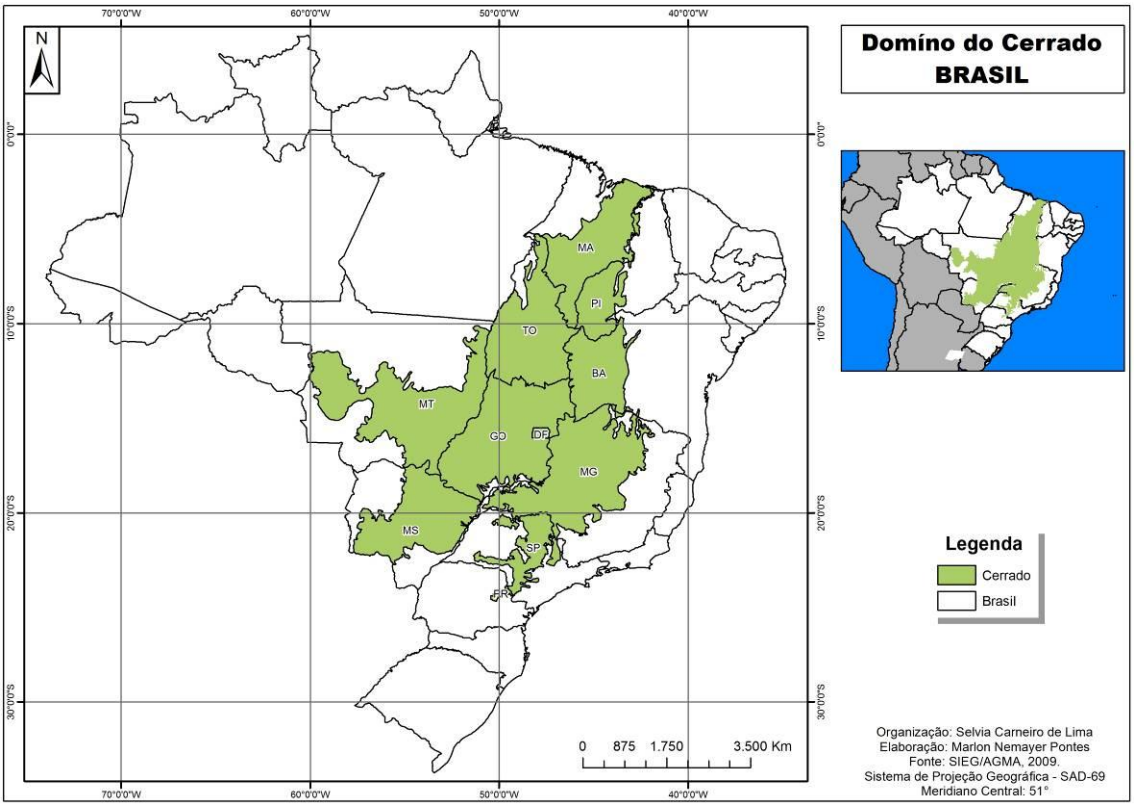
**Diversos Cerrados: o natural e o econômico**

Para iniciar, é importante conceituar e caracterizar que ambiente é este: o Domínio de Cerrado.

> [...] é uma formação tropical constituída por vegetações rasteira, arbustiva e árvores formada, principalmente, por gramíneas coexistentes com árvores e arbustos esparsos, ou seja, englobando os aspectos florísticos e fisionômicos da vegetação, sobre um solo ácido e relevo suae ondulado, recortada por uma intensa malha hídrica, formando uma paisagem única e diferenciada de savana, portanto, um Bioma único (FERREIRA, 2003, p.11).

É o segundo maior bioma brasileiro em extensão e estende-se por cerca de 2 milhões de km², ocupando 22% do território nacional. Ocupa o território do Distrito Federal e se espraira por mais nove estados brasileiros: São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Tocantins, Bahia, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Piauí. Como mostra o mapa 1 – Domínio do Cerrado no Brasil.

ISSN: 1519-7816 vol. 12 nº 2 jul/dez. 2010 páginas: 66 - 83




**Mapa 1:** Domínio do Cerrado no Brasil

O Cerrado é considerado a maior savana tropical do mundo em área contínua e exibe uma enorme biodiversidade em sua fauna e flora com mais de 10 mil espécies de plantas, sendo 44% endêmicas. Este grau de endemismo constitui-se num dos mais altos do mundo e abrange também a fauna.

A Fauna apresenta mais de 837 espécies de aves, muitas das quais só se reproduzem nesta região. Os mamíferos somam 161 espécies. Os morcegos que são importantes agentes polinizadores totalizam em torno de 30 espécies. Os répteis são em torno de 120 e os anfíbios mais de 150 sendo 45 espécies endêmicas, além de várias espécies de roedores, microorganismos e fungos (PINTO; DINIZ-FILHO, 2005).

Para Ribeiro e Walter (1998 *apud* FERREIRA, 2003) as principais fitofisionomias do Cerrado são: Formações Florestais - Mata ciliar, Mata de Galeria,

ISSN: 1519-7816 vol. 12 nº 2 jul/dez. 2010 páginas: 66 - 83

Mata Seca e Cerradão; Formação Campestre - Campo Sujo, Campo Rupestre e Campo Limpo e Formações Típicas de Cerrado**,** expressão de Ferreira (2003), para Cerrado *Stricto Sensu*, Parque de Cerrado, Palmeiral e Vereda.

Apresenta clima predominantemente Tropical Semi-úmido com duas estações bem definidas – verão chuvoso e inverno seco – e solos com grande concentração de alumínio e ferro e baixa fertilidade. O relevo é predominante formado por chapadões, com extensas áreas planálticas, serras, vales e planícies.

Em relação à hidrografia esta é composta por uma importante rede de nascentes, córregos e rios de fundamental importância para o Brasil, sendo considerado o "berço das águas" por comportar as nascentes das três maiores bacias hidrográficas da América Latina: bacia amazônica (Araguaia-Tocantins); bacia do Paraná-Paraguai e a bacia do São Francisco que dispõem respectivamente de 78%, 48% e 50% de seu volume de água proveniente do ambiente de Cerrado.

Desta maneira, o uso economicista e intenso atribuído a este componente natural vale ser repensado em função da sua importância para o abastecimento de água em nível nacional. A degradação ambiental gerada no território goiano pelos desmatamentos, contaminação dos solos e das águas, dentre outros, tem relação direta com escalas espaciais maiores, como nos adverte Ferreira (2003, p. 13) "[...] a dinâmica hídrica nacional é afetada uma vez que as principais bacias hidrográficas do Brasil têm suas nascentes na região do Planalto Central, áreas já bastante degradadas".

Independente do valor inestimável para o território brasileiro, e para a dinâmica e equilíbrio natural, o uso das águas do Cerrado tem sido tão abusivo como diverso, servindo para irrigar extensas lavouras de monoculturas; abastecer reservatórios; gerar energia; dentre outros.

Assim temos em Goiás 11 usinas hidrelétricas em funcionamento (SEPLAN, 2007) 18 em construção, e projetos para criação de mais 42 novas. Dentre as usinas em pleno funcionamento, destaca-se, pela área inundada, a Usina da Serra da Mesa, no norte goiano, com um volume total de 12.057.558 m³ de água,

ISSN: 1519-7816 vol. 12 nº 2 jul/dez. 2010 páginas: 66 - 83

constituindo-se o segundo maior lago do mundo construído para este fim, com significativa geração de energia, e também de impactos ambientais e sociais.

A rede hidrográfica também é responsável pelo abastecimento de importantes Complexos Agroindustriais atraídos para Goiás, sobretudo a partir da década de 1990, como é o caso da Perdigão instalada no município de Rio Verde - GO que conta com unidades em Jataí e Mineiros e da Usina São Francisco produtora de açúcar VHP e álcool anidro e hidratado, instalada em 2006 no município de Quirinópolis/GO.

Os rios e córregos constituem-se também em *lócus* de lazer e de encontro no mercado turístico, como é o caso das águas termais de Caldas Novas e das praias do Rio Araguaia. Em relação ao turismo, outros municípios goianos, através de Políticas Públicas, têm tentado conquistar um filão neste mercado, como é o caso de Jataí, que detêm o título de *capital de grãos* de Goiás, por ter alcançado a maior produção de milho e sorgo do Brasil nas safras 2003/2004, 2005/2006 e a maior produção de soja do estado. Constituindo-se deste modo no maior produtor de grãos de Goiás e o quinto maior do Brasil,[5] hoje diversifica sua economia investindo no potencial termal de suas águas para atrair turistas e investidores.

Em relação à importância do Cerrado para a manutenção da vida pode-se sintetizar que:

> [...] a vasta extensão territorial, posição geográfica, heterogeneidade vegetal e por ser cortado pelas três maiores bacias hidrográficas da América do Sul: Amazônica, Platina e Sanfranciscana, o cerrado destaca-se pela sua biodiversidade. Por estar nessa posição central do Brasil, essa posição estratégica facilita o intercâmbio florístico e faunístico entre os domínios biogeográficos brasileiros, formando corredores de migração importantes (FERREIRA, 2003, p. 13).

Em conformidade com a explicação aludida, os diferentes usos dos componentes naturais do Cerrado, como os seus solos, subsolos, flora, fauna e

[5] Fonte: Prefeitura de Jataí. Acessado em: http://www.jatai.go.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=50&Itemid=196. Pesquisado em setembro de 2009.

ISSN: 1519-7816 vol. 12 nº 2 jul/dez. 2010 páginas: 66 - 83

porque não dizer suas gentes, participam de uma contradição: o Bioma, ao ser apropriado, ganha importância financeira para os donos do capital, mas seus componentes naturais são destruídos.

Neste viés, Almeida (2005) chama atenção para os diferentes valores atribuídos ao Cerrado. Para alguns, este é valorado como um ecossistema que deve ser guardado e para outros, seu valor encontra-se na possibilidade constante de gerar capital.

**O Cerrado e o domínio da monocultura**

Até a primeira metade do século XX, o Cerrado carecia de interesse econômico e estético. Somente a partir da década de 1930 iniciou-se no Brasil a concretização de Políticas Públicas voltadas para a expansão da fronteira agrícola e o crescimento do povoamento no Planalto Central Brasileiro. O Cerrado começa a entrar na arena de discussão e interesse nacional.

Na década de 1970 os avanços nas técnicas destinadas a agricultura gerados pelas pesquisas da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) foram importantes para articular os improdutivos chapadões aos corredores de exportação internacional de grãos. Atualmente após um intenso processo de antropização, dados da própria EMBRAPA revelam que o Cerrado possui 80% de sua área desmatada e ocupada; 19% ainda intacta e menos de 3% de área protegida por lei.

Deve-se ressaltar o importante papel dessa mesma empresa como agente que possibilitou o processo de exploração das áreas de Cerrado pela agricultura comercial. Os solos do Cerrado, considerados impróprios até a década de 1970 para o cultivo de produtos exportáveis, têm o seu PH muito ácido corrigido através da técnica denominada Calagem. Basicamente consiste na adição de calcário aos solos o que representou uma importante contribuição da empresa pública para a expansão das fronteiras agrícolas no Brasil Central e em Goiás.

ISSN: 1519-7816 vol. 12 nº 2 jul/dez. 2010 páginas: 66 - 83

Resolvido o "problema" do solo, as áreas de Cerrado, especificamente do Centro-Oeste, apresentavam condições favoráveis à inserção das grandes lavouras. Topografia plana, terras com baixo custo e incentivos fiscais e econômicos por parte do Estado representaram pontos positivos na abertura do Cerrado ao capital internacional.

Para o sucesso das ações da "conquista do oeste", foram implantados diversos programas para desenvolver a modernização e a produção agropecuária. Dentre eles citamos o PLADESCO (Plano de Desenvolvimento Econômico e Social do Centro- Oeste), o POLOCENTRO (Programa de Desenvolvimento do Cerrado), o PRODECER (Programa de Cooperação Nipo-Brasileira para o Desenvolvimento do Cerrado).

A soja, oleaginosa pouco comum entre os hábitos alimentares dos brasileiros, com exceção do óleo de cozinha, surge imponente, cobrindo extensas áreas do Sudeste e Sudoeste goiano. A paisagem dos Cerrados foi sendo *ser-ra-da* e extensas lavouras de gêneros "nobres" foram ocupando o espaço, como o caso da soja, do milho (Foto 3), do algodão, e mais recentemente da cana-de-açúcar (Fotos 1 e 2), incentivada pelo discurso nacional da produção dos biocombustíveis.



**Foto 1**: Monocultura de cana de açúcar em solo arenoso. Serranópolis/GO. **Foto 2**: Colheita mecanizada de cana de açúcar em Quirinópolis/GO. **Foto 3**: Monocultura de milho em Jataí-GO.
**Autor:** Lima, S.C. Trabalho de campo – UFG/IESA. Jun/2008.

ISSN: 1519-7816 vol. 12 nº 2 jul/dez. 2010 páginas: 66 - 83

Em síntese, pode-se afirmar que a correção dos solos ácidos do Cerrado preparou esse território para as extensas lavouras comerciais. Recentemente mesmo os solos arenosos têm sido utilizados para a produção da cana de açúcar, como mostra a foto 1, do município de Serranópolis-GO.

Somando-se às monoculturas, as atividades ligadas a pecuária principalmente a extensiva, a silvicultura, a carvoaria e os consequentes desmatamentos, todos fizeram parte do pacote de abertura das fronteiras agrícolas da região *core* do Brasil.

Vale ressaltar ainda que, como dito anteriormente, a modernização do território goiano através da abertura e a expansão das ferrovias e rodovias, a construção de Goiânia e de Brasília e os programas de incentivo ao desenvolvimento do Cerrado, permitiram a captura de Goiás pelo capital transnacional, permitindo a territorialização dos complexos agroindustriais nas áreas do Cerrado. Neste sentido, como já mencionado, o Cerrado, visto como ecossistema e território sem valor econômico e estético passa a ter novo significado para as relações de poder intra e internacional.

A visibilidade do Cerrado no contexto goiano e nacional nas últimas décadas têm colocado-o como um Bioma pesquisado, discutido, pirateado, explorado e midiatizado, sendo apropriado numa relação contínua e contraditória por diferentes classes sociais, distintos interesses políticos, econômicos e socioculturais, constituindo-se como território onde veiculam diferentes disputas de poder (RAFFESTIN, 1993).

Sob o olhar (des)atento de sucessivos governos e até mesmo dos pesquisadores, o Cerrado tem se tornado um território do ponto de vista literal e simbólico: *Ser-ra-do.* Nele, todo o potencial existente tem sido objeto de uma captura pela ótica política, social, econômica e cultural. Capitalizado e territorializado e, contraditoriamente reverenciado, o Cerrado tem se tornado *pano de fundo* de discursos ambientais, paisagísticos, gastronômicos, dentre outros.

A popularização deste ecossistema tem se evidenciado por intermédio da comercialização dos *Frutos do Cerrado*; das comidas típicas; dos objetos de arte;

ISSN: 1519-7816 vol. 12 nº 2 jul/dez. 2010 páginas: 66 - 83

das jóias elaboradas a partir da inspiração nas suas fitofisionomias; da ascensão da tradição principalmente rural-religiosa no mundo urbano; no uso do "rústico" para decorar interiores; dos debates, dos encontros, das dissertações, das teses e dos programas que retratam as manifestações culturais do Cerrado e de *suas gentes*.

**Modernidade e tradição: sujeitos sociais e a (re)produção da cultura *cerradeira***

A despeito da riqueza sociocultural do Cerrado e da identidade do sujeito *cerradeiro*, Mendonça (2004, p. 325) considera que:

> [...] Povos Cerradeiros não é o atributo de quem nasce nas áreas de Cerrado, ou seja, não é um "atributo do território". A condição de ser cerradeiro implica na compreensão da relação simbiótica do ser social com a natureza, como um ser uno, sem estabelecer as dicotomias e os dualismos impostos pela racionalidade iluminista e mais tarde científica.

O autor ressalta ainda que os cerradeiros constituem-se na "[...] relação simbiótica entre o homem e o entorno". São deste modo, "[...] as culturas e as identidades construídas ao longo da história que evidenciam uma relação ecossistêmica em acordo com as necessidades humanas". São esses sujeitos que, a partir da inserção do Cerrado na dinâmica econômica global, Almeida (2005) denomina *sujeitos excluídos*.

Mas, excluídos de quê? Essa questão pode ser interpretada por outro viés e temos outro questionamento: os sujeitos estão todos incluídos na dinâmica do mundo globalizado, mas como se dá essa inserção?

O adensamento das massas trabalhadoras nas cidades tem produzido um proliferamento de submoradias, subempregos, desempregos, de filas nos postos de saúde, de lotação nas cadeias públicas, mas também de lucratividade e desenvolvimento para quem detém os meios técnicos da produção.

Numa análise direta e objetiva, podemos admitir que essas realidades revelam sua gênese. Esse contexto nos lembra que o movimento rumo as cidades deu-se num tempo não tão distante, mas seu fluxo contínuo aponta que o modelo de

ISSN: 1519-7816 vol. 12 nº 2 jul/dez. 2010 páginas: 66 - 83

desenvolvimento adotado no país territorializa o capital no campo e os sujeitos na cidade.

A modernização da agricultura em Goiás que marcou o século XX trouxe consigo a intensificação das migrações campo-cidade. Esses migrantes, ao serem desterritorializados, têm seus saberes e conhecimentos acumulados em sua vivência no Cerrado *transferidos* para os espaços urbanos (re)atualizando neste novo contexto seu *modus vivendi.*

Diante destas novas dinâmicas, a leitura do sujeito do campo e da cidade e do sujeito do campo na cidade torna-se complexa. Para interpretar estas relações paradoxais geradas no interior das transformações econômicas e socioespaciais do território goiano, faz-se necessária uma *leitura integrada da vida* (CHAVEIRO, 2008).

Somente a partir de uma interpretação mais totalizante das relações estabelecidas entre sociedade e natureza, ou nos termos de Santos (2008a), entre objetos e ações é que o momento atual do Cerrado Brasileiro, consequentemente do território goiano e de seus sujeitos, poderá ser efetuado.

> No caso da interpretação do Cerrado isso parece ser fiel a um elo de causalidades sinérgicas: as nascentes, os rios, o solo, o relevo, as veredas, as classes de vegetação não podem sobreviver independentes de sua apropriação que é social e cultural. Mesmo salvo por códigos, leis, o regime de propriedade do uso é que produz os sentidos. Dessa maneira, todo o seu patrimônio está imerso nas condições químico-físicas de sua história e de suas possibilidades, mas imersos em relações sociais concretas estipuladas pelo modo de produção. Resulta disso, que a visão integrada do cerrado é includente de suas bases geoquímicas, geofísicas, assim como econômica, cultural, política e de valores (CHAVEIRO, 2008, p. 58).

Pode-se afirmar que a modernização que captura o campo captura também seus povos. Cidade e campo foram transformados nos últimos trinta anos e houve consideráveis ressignificações das cidades e das obras da cultura, nos levando a reiterar que modernidade e tradição coexistem tornando os lugares mais híbridos e dinâmicos.

ISSN: 1519-7816 vol. 12 nº 2 jul/dez. 2010 páginas: 66 - 83

## Considerações finais

A inserção do capital no território goiano ocasionou profundas mudanças, e neste período, a produção de grãos ganha vulto juntamente com a pecuária, como os principais produtos de destaque regional. Deste modo, acentuou-se o nível das transformações socioespaciais com o advento, no campo, das modernas técnicas introduzidas na agricultura.

A modernização do território goiano iniciado, na década de 1930, e posteriormente da agricultura, na década de 1970, trouxe para primeiro plano, mudanças culturais na base do modo de vida dos povos do Cerrado, como os novos símbolos introduzidos nas festas tradicionais religiosas; no esporte, e na vida dos índios de Goiás. Nesta última a força da mercantilização adentra as representações desses grupos étnicos, que passam a comercializar a diferença num esforço de sobrevivência, como o caso dos Karajá na cidade turística de Aruanã-GO que sobrevivem em sua maioria da produção e venda do artesanato indígena.

A migração rural-urbano provocada pela captura do campo pelo capital produziu na zona urbana, simultaneamente, diferentes modos de vida. É neste espaço que a construção identitária dos povos do Cerrado, dos goianos, vão sendo ressignificadas na articulação entre tempos e valores distintos.

Nota-se em todas as escalas uma explosão de manifestações identitárias e culturais que não foram, como previsto por muitos intelectuais, subjugadas, mas (re)atualizadas marcando com mais força as identidades locais.

Neste contexto, também se aguçam problemas de ordem social como a intensificação da migração campo-cidade; o desemprego; a proliferação dos subempregos; a diminuição da produção de alimentos voltados para o abastecimento do mercado interno; a crise de moradia, de saúde, de educação; o aumento da violência urbana; a crise das identidades. Esses constituem alguns exemplos da forte ligação e dos problemas que permeiam a relação entre campo e cidade em Goiás.

ISSN: 1519-7816 vol. 12 nº 2 jul/dez. 2010 páginas: 66 - 83

Somando-se a esses problemas diversas formas de degradação ambiental cindem o Cerrado, como os processos erosivos, a perda de fertilidade dos solos, a contaminação das águas de superfície e de subsolo, o extravazamento dos problemas com lixo e saneamento básico, a *morte* de várias nascentes e cursos d`água. E ainda as invasões biológicas como o caso das gramíneas africanas que se alastraram de maneira incontrolável pelo solo, resultado que demonstra um dos problemas deste processo de transferência para este bioma de plantas não-nativas. Estes são apenas alguns dos dilemas que os sujeitos do Cerrado e a sociedade precisam enfrentar.

A despeito dessas considerações que reconhecemos apenas iniciadas é possível levantar alguns questionamentos: Este processo de dominação e expropriação dos sujeitos cerradeiros do campo que foi conduzido pelas mudanças técnicas introduzidas na agricultura no domínio do Cerrado é irreversível? Ou, a inserção do capital no território goiano especificamente no campo é hegemônico e tende a homogeneização? Qual o futuro econômico e político dos sujeitos que vivem no e do Cerrado com a constante substituição da vegetação nativa por monoculturas, barracões de suínos e aves, usinas hidrelétricas e de cana de açúcar? Quais são as identidades que caracterizam o homem sertanejo cerradeiro diante dessa nova dinâmica do tempo e dos valores globais? Será que os povos do Cerrado, serão ainda mais, a exemplo da fauna e flora, destituídos de suas condições de sobrevivência e de seu *habitat*?

Compreender em suas múltiplas interpretações o Cerrado, manifestadamente *Ser-ra-do,* e suas implicações, eis um esforço e um desafio.

## Notas

[1] Doutor em Geografia Humana pelo Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo – FFLCH/USP. Prof. Dr. do Instituto de Estudos Socioambientais – IESA/UFG. Goiânia/GO.
[2] Graduada em Geografia e mestranda do Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Estudos Socioambientais – IESA/UFG. Goiânia/GO.
[3] Para maior esclarecimento sobre os Povos Cerradeiros ver Mendonça (2004).
[4] Pesquisado em: http://www.rallydejeg.com.br. Acessado em: 20 de setembro de 2009.
[5] Fonte: Prefeitura de Jataí. Acessado em: http://www.jatai.go.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=50&Itemid=196. Pesquisado em setembro de 2009.

ISSN: 1519-7816 vol. 12 nº 2 jul/dez. 2010 páginas: 66 - 83

## Referências

ALMEIDA, M. G. de. A captura do cerrado e a precarização dos territórios: um olhar sobre sujeitos excluídos. In: ALMEIDA, M. G. de (Org.). **Tantos Cerrados**. Goiânia: Ed. Vieira, 2005. p. 321-347.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas –** estratégias para entrar e sair da modernidade. 4. ed. 1. reimp. São Paulo: EDUSP, 2008.

CASTRO, J. A. O Estado e a apropriação do território de Goiás. In: GOMES, H. (Org.) **O espaço goiano:** abordagens geográficas. Goiânia, Ed. AGB, 2002. p. 59-92.

CHAVEIRO, E. F. O Cerrado em disputa: sentidos culturais e práticas sociais contemporâneas. In: ALMEIDA, M. G. de (Org.). **Geografia e cultura** – os lugares da vida e a vida dos lugares**.** Goiânia: E. Vieira, 2008. p. 75 – 97.

CHAVEIRO, E. F. CASTILHO, D. **Cerrado:** patrimônio genético, cultural e simbólico. Goiânia: UFG / IESA. 2007.

FERREIRA, I. M. **O afogar das Veredas**: uma análise comparativa espacial e temporal das Veredas do chapadão de Catalão (GO) 2003. 242f. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2003.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização**: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Quacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2006.

MENDONÇA, M. R. **A urdidura espacial do capital e do trabalho no Cerrado do Sudeste Goiano**. 2004. 448f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Presidente Prudente, 2004.

PINTO, M. P.; DINIZ-FILHO, J. A. F. Biodiversidade no Cerrado. In: ALMEIDA, M. G. de (Org.). **Tantos Cerrados**. Goiânia: Ed. Vieira, 2005, p. 115-128.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder.** São Paulo, SP: Ática, 1993.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**. 4. ed. São Paulo : Edusp, 2008.

ISSN: 1519-7816 vol. 12 nº 2 jul/dez. 2010 páginas: 66 - 83

TEIXEIRA NETO, A. O território goiano: formação e processo de povoamento e urbanização. In: ALMEIDA, M. G. de. (Org.). **Abordagens geográficas de Goiás:** o natural e o social na contemporaneidade. Goiânia: IESA, 2002. p. 11-45.